UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE A CATEGORIA JUVENTUDE A PARTIR DE SUA DIMENSÃO ESPACIAL

Rayssa Pinto Rezende[1]

Palavras-chave: cotidiano, juventude, produção do espaço.

1 – INTRODUÇÃO

O indivíduo e a sociedade se constituem a partir de relações que se encontram em movimento, onde só se compreende o indivíduo em sua indissociabilidade com a sociedade. Isto devido ao indivíduo ser um sujeito social, construindo sua vida de forma coletiva, tendo uma vida coletiva. Desta forma o ser humano se completa no outro através das relações entre sujeitos.

A sociedade pode ser pensada então como um complexo de relações interpessoais, onde ao se relacionar com o outro os indivíduos se produzem e ao mesmo tempo produzem a sociedade. No entanto essas relações sociais acontecem em um lugar concreto, no espaço, não sendo a sociedade construída apenas pela dimensão subjetiva das relações. Logo a sociedade é materializada no espaço, onde as relações sociais são também relações socioespaciais.

Esse espaço, entretanto não é apenas palco das relações sociais, ele é um produto da sociedade construído através dessas relações, sendo assim, ao produzir o espaço este se torna um condicionante para a reprodução da sociedade. Nesse sentido, o ser humano além de ser social ele também tem uma existência espacial, afinal todas as relações ocorrem em um espaço real/concreto.

Existem vários agentes sociais responsáveis pela produção do espaço. Porém na dimensão do cotidiano, que acontece no lugar, além das normas hegemônicas, tem-se os sujeitos que através de atos e ações necessária a vida produzem o espaço. O cotidiano ganha importância, pois é do lugar que habita que o homem se relaciona com o mundo, primeiro com a rua onde mora, com o bairro, com a cidade e a partir dessas vivências com o mundo. É

[1] Licenciada em geografia pela UFJF / Aluna do programa de pós-graduação em geografia na UFJF/ rayssarezende@yahoo.com.br

da concretude do habitar que o indivíduo se apropria do espaço e constrói suas memórias, identidades, reconhecimentos.

A partir dessa apropriação do espaço que o sujeito no dia-a-dia produz o espaço e a si mesmo concomitantemente. Entendendo a sociedade, espaço e sujeito como construções produzidas através de relações indissociáveis é que se busca compreender a juventude como produto e produtora da sociedade e desta forma do espaço.

Através das vivências, trajetórias, ações, mobilidade que os jovens forjam sua juventude bem como produzem o espaço em interação com o arranjo socioespacial da cidade. O viver a cidade é experimentar acontecimentos em espaços tempos demarcados, é criar a possibilidade de se apropriar dos signos e códigos que organizam a vida social, é compreender o direito ao uso e apropriação da cidade como condição para reprodução da vida.

No entanto, vivemos em uma sociedade que há diferenças e desigualdades, dessa forma a juventude tem ser compreendida como plural, não só se diferenciando espaço-temporalmente, mas também por fatores que perpassam a juventude como diferenças sociais, acesso a educação, dinheiro, gênero, trabalho, lugar de moradia, tempo livre, etc. Que fazem com que os indivíduos experimentem a juventude de acordo com os espaços, tempos e contextos em que vivem.

É preciso considerar a dimensão espacial na construção da juventude, pois é devido a diferentes práticas espaciais que os jovens estabelecem com e na cidade que os mesmos forjam diferentes juventudes. Com este fim, o presente artigo busca compreender a relação entre juventude e produção do espaço. Buscando discutir a trajetória da categoria juventude na modernidade, onde é entendida como uma categoria social, e do conceito de produção do espaço, para que se possa pensar no sujeito jovem como produtor do espaço.

2 – DISCUSSÃO SOBRE A HISTÓRIA DA CATEGORIA JUVENTUDE

A juventude é uma representação simbólica criada pelos grupos sociais e pelos indivíduos jovens, para justificar uma serie de comportamentos e atitudes atribuída a ela. Desta forma ao longo da história tem-se diferentes concepções e abordagens no que tange o entendimento sobre o que é juventude.

A idéia de juventude que temos hoje é fruto do processo histórico-social da modernidade, que se organiza também pela estratificação da vida em faixas etárias, gerando uma “cronologização do curso da vida” (Groppo, 2000. p. 12). Devido a isso se mostra

importante discutir a categoria juventude para melhor compreender diversas características da sociedade moderna, acompanhando suas metamorfoses em aspectos como cultura, lazer, consumo, política, relações cotidianas e de que forma elas afetam e são afetadas pelas vivencias sociais da juventude.

Antes do séc XXI a noção de juventude era forjada principalmente pelas práticas e discursos das instituições oficiais, estatais, tendo o sentido de controle, proteção para com o individuo em formação, o considerando vulnerável as perversidades da vida adulta. Para que a sociedade moderna, pautada na racionalização, se reproduzisse foi necessário estabelecer critérios gerais, objetivos e científicos que definissem as etapas da vida, uma verdadeira racionalização da vida social. Essa divisão em estágios da vida, também possibilita a aplicação de projetos sociais disciplinadores que buscam guiar os indivíduos que estão se formando física, social, cultural e politicamente para que se tornem adultos bem ajustados a sociedade moderna.

Essa sociedade se baseia na igualdade dos indivíduos perante a lei e ao Estado, a divisão da vida por idades torna-se então a melhor forma de reduzir as diferenças sociais e individuais para que todos sejam iguais juridicamente, reconhecendo a juventude como um direito humano. A definição das idades surge a partir da forma que a sociedade entende o que é indivíduo, assim sendo, cada sociedade constrói a sua definição das idades da vida.

Na sociedade capitalista, com o advento da industrialização tem-se uma separação da juventude burguesa e da proletária. Os jovens filhos de trabalhador eram inseridos precocemente no mundo do trabalho. Já para os jovens burgueses esse período da vida era entendido como uma etapa de amadurecimento. Eles eram isentos do trabalho para que pudessem se preparar para a vida adulta, através do estudo lhes era ensinado uma profissão concordante com seu status social. A instituição escolar neste momento ganha uma enorme importância, elucida Groppo (2000: 57), ela isola o jovem do convívio com os adultos, disciplinando-o e controlando seu tempo. É ela também a responsável por ensinar os valores dessa sociedade que estava se formando, para que a mesma tenha condições de se reproduz. A modernidade, conforme já dito neste artigo, é pautada na racionalidade, logo a juventude se torna um momento de preparação para o futuro, de escolha da profissão.

É a partir daí que essa fase da vida passa a ser encarada como tendo sua própria maneira de se relacionar, de viver, tendo gostos específicos e como um direito humano reconhecido. Porém uma coisa se mantém igual a periculosidade, a transgressão associada a

juventude. Groppo (2000:58) afirma que a modernidade, sobretudo a ciência moderna, contribuem para o entendimento da juventude como pervesão.

Através do progresso cientifico forjou-se a idéia de juventude nas diferentes ciências, porém dialogando entre elas. A medicina criou a concepção de puberdade, que se refere ao momento de transformações no corpo do sujeito que deixa de ser criança e vai amadurecendo. A psicologia e pedagogia trabalharam com a concepção de adolescência, fase relacionada a mudanças na personalidade e no comportamento do individuo que esta se tornando adulto. E a sociologia trata a juventude como intervalo entre as funções sociais da infância e as do adulto. O que forma-se no imaginário social, a partir dessas ciências, é a adolescência como fase de preparação psicossocial para a idade adulta e para a sociedade. Essa preparação se daria com gerações de conflitos com a ordem adulta, distúrbios psiquicos, imprevisibilidade, impulsos agressivos devidos a mudanças hormonais e etc. Concebe-se então a adolescência como período de vigilância e disciplinarização.

Porém é necessário ir além, desmistificar a juventude como algo natural, afinal ela constitui uma categoria socialmente construída. Não se tratando apenas de limites etários, mas também de representações simbólicas e relações sociais. A juventude é plural, existindo subcategorias de indivíduos jovens com características, símbolos, comportamentos e sentimentos próprios, que mudam de acordo com a classe social, etnia, nacionalidade, gênero, contexto histórico.

É, também, através das diferentes vivências espaciais que os indivíduos forjam sua juventude, então suas experiências cotidianas na cidade, os lugares que lhes são permitidos ou não estão presentes na construção das juventudes.

3 – A PRODUÇÃO DO ESPAÇO PELO SUJEITO JOVEM: DIMENSÃO DO COTIDIANO

Como já dito anteriormente a apropriação, o uso do espaço citadino pelo jovem constrói a sua concepção de juventude ao mesmo tempo em que o espaço é produzido por esse sujeito. É partir daí que se pode pensar a juventude através da sua dimensão espacial. A título de compreensão buscar-se-á primeiramente, explanar sobre a noção de espaço e sua produção.

Carlos (2011:33) afirma que a sociedade se constitui como realidade prática que envolve uma série de produções que constituem o mundo humano. Ao produzir-se em todas

as dimensões, abarca-se também a produção do espaço. O espaço se define pelo movimento que o torna condição, meio e produto da vida social, ganhando sentido através da ação do homem, ou seja, o espaço é conjunto de interações entre as ações dos sujeitos e dos objetos produzidos pelos mesmos, portanto o espaço é um produto social e histórico.

Essa forma de compreender o espaço surge a partir da visão de Lefebvre (1974) onde o autor afirma que o espaço não existe em si mesmo, ele é um produto social. Com base no conceito de produção do espaço entende-se o espaço como resultado e pré-condição da sociedade. Assim sendo cada sociedade produz e é produto de seu espaço, o que da a ele também a característica de ser histórico. A partir dessas considerações ao analisar o espaço é necessário levar em conta a organização social, as relações de poder, os conflitos, o modo de produção de cada sociedade.

Lefebvre (1974) interpreta a produção do espaço a partir de três dimensões duplamente determinadas, ou seja, constrói uma abordagem dupla do espaço, que dialogam entre si. Tem-se a tríade "prática espacial", "representações do espaço" e "espaço de representação"; e a outra "espaço percebido", "espaço concebido" e "espaço vivido".

O conceito de "prática espacial" indica a dimensão material das atividades e interações sociais, simultaneidade das atividades, articulações e conexões de elementos. A "representação do espaço" são as imagens que os indivíduos formam do espaço e que também acabam por defini-lo. O "espaços de representação" trata-se da dimensão simbólica do espaço, do processo de significação dos símbolos. A partir dessas três dimensões o espaço social aparece como uma rede de atividades interligadas, como uma representação que serve como uma forma de orientação e como signos e símbolos que se formam através das relações sociais, das normas, dos valores e experiências interpessoais.

A outra tríade é composta pelo "espaço percebido" que se constitui pela prática social a partir percepção e relação entre as ações dos sujeitos e os objetos materiais que estão no espaço. "Espaço concebido" se refere as formas de representar o espaço como as leis, os códigos, as normas, entre outras. São as representações dominantes e abstratas, que caracterizam por homogeneizar e naturalizar as diferenças. Já o "espaço vivido" é a experiência vivida pelos seres humanos do espaço na prática de sua vida cotidiana.

Para o autor a produção do espaço compreende esses momentos supracitados, que estão interligados e ocorrem ao mesmo tempo, porém é sempre inacabada por ser continuamente produzido pela sociedade de maneira indissociável ao tempo. A ideia de produção é central para entendimento da sociedade e do espaço como indissociáveis, e para

compreensão da produção do espaço a partir de ações de sujeitos e a gentes com diferentes finalidades, logo ela se diante de embates e conflitos.

Na sociedade capitalista esse embate no processo de produção do espaço se da sobre a contradição de valor de uso e valor de troca, onde o valor de troca prevalece sobre o valor de uso, pois a produção de coisas úteis aos homens, ou seja, valor de uso ocorre somente quanto são lucrativas ao capital, quanto tem valor de troca.

O que se vê, nesta sociedade, é o espaço sendo vendido como mercadoria. Isso acaba por designar qual parcela da população terá acesso a esse produto, determinando o uso e os modos de apropriação do espaço. Somente pela mediação do mercado é possível ter acesso ao espaço, gerando significativas diferenças e desigualdades no mesmo.

É na cidade que pode-se perceber melhor esses conflitos, pois ela é o espaço de exercício da vida, o lugar do cotidiano, das experiências e da construção de praticas coletivas. Desta forma, as diferentes práticas espaciais dos jovens na cidade clareiam os modos com os quais se relacionam com o espaço e forjam diferentes juventudes. Assim sendo, a maneira como o espaço se produz e se organiza atua na construção dos jovens, sendo a dimensão espacial um elemento formador da própria juventude.

Essa relação acontece na cidade e na dimensão do cotidiano, devido ao fato do cotidiano se configurar como uma dimensão capaz de adensar os múltiplos aspectos da vida social e individual, nos projetos de vida e nos desejos, nas experiências que vão dando significados a vida dos sujeitos. Essa produção espacial no plano do cotidiano, se da pelas formas de uso, apropriação e ocupação da cidade. Com isso mostra-se a importância de compreender a juventude a partir de suas ações, mobilidades, falas, das relações que criam com os bairros, com a cidade, dos usos que fazem da cidade, afinal a juventude produz o espaço e é também condicionada pelo mesmo.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se realizar uma breve revisão de como a juventude tem sido entendida, elucidando que essa é uma categoria socialmente construída, logo cada sociedade, a partir de seus preceitos e entendimento de sujeito forja a sua concepção de jovem. Com o advento da modernidade tem-se a ciência como modo estruturador da sociedade, desta forma é ela a responsável por elaborar o entendimento social de juventude. Porém como já discutido, a

sociedade atual trata a juventude como única, e acima de tudo com um momento da vida subversivo, onde o individuo estaria sujeito aos males do mundo, necessitando então de vigília e tutela para que atinja a idade adulta de forma bem sucedida socialmente. Ignora-se as diferentes realidades dos jovens.

É preciso compreender que a vida de cada jovem é marcada por um conjunto de experiências, individuais, familiares e coletivas e são também atravessadas por fatores determinantes como gênero, classe, renda, cor, moradia. Não é possível falar em jovens sem levar em conta suas condições de vida, suas oportunidades, sonhos que se realizam ou não na cidade. Desta forma o arranjo socioespacial da cidade, sua organização e forma como é produzida interfere no modo como cada jovem irá se apropriar através do uso do espaço, influenciando na construção de diferentes juventudes. É na dimensão do cotidiano, na repetição da vida diária que o jovem se relaciona com cidade e assim não só é produto dela, mas também a produz através do uso e apropriação, resignificando e adaptando os lugares.

Assim, compreender a espacialidade do jovem na cidade possibilita a apreensão concreta de suas práticas na cidade e o movimento de produção de sua vida social.

REFERÊNCIAS

CASSAB, Clarice. Refazendo percursos: considerações acerca das categorias **jovem** e juventude no Brasil. **Revista Perspectiva,** Erechim: URI, V.34, nº128, p. 39-51, dez. 2010.

CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. **Revista Locus**, Juiz de Fora. V. 17, nº 02, p. 145-159, 2001

GROPPO, Luis Antonio. **Juventude: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

LEFEBVRE, Henri. ***La production de l'espace***. Paris: Ed anthropos, 1974.

PAIS, José Machado. A Juventude como Fase de Vida: dos *ritos de passagem* aos *ritos de impasse*. **Saúde e sociedade.** Vol. 18, nº 3. São Paulo Julho/Setembro 2009.